

# A LITERATURA ALEMÃ CONTEMPORÂNEA

Reinhold Bossmann

Universidade do Paraná

Com a ascensão ao poder do nacional-socialismo, no ano de 1933, a literatura alemã sofreu grave mutilação, tendo sido prejudicada quase pela metade em sua vitalidade. A consêquência da nova situação foi a paralisia temporária da fertilidade literária e a emigração dos seus melhores representantes. A literatura da emigração tornou-se uma amarga e dolorosa realidade. Semelhante vicissitude experimentou a literatura russa, quando seus mais famosos poetas tiveram que fugir da ditadura bolchevista ou quando foram liquidados ou reeducados à maneira comunista, tendo significado isto a sua morte espiritual.

Como o nacional-socialismo, o expressionismo, que fôra dominante depois de 1918, teve um rápido fim. Podemos dividir em três grupos os poetas alemães de 1933: do primeiro grupo fazem parte aquêles poetas que o nacional-socialismo utilizou para seus fins propagandísticos, não obstante diversos protestos. O segundo grupo é constituído pelos escritores, que, a princípio, tomaram uma atitude de observação para com o nacional-socialismo, mas que, depois, em consequência do desenvolvimento político interior e exterior, silenciaram voluntariamente ou se uniram a um movimento de resistência ou, ainda foram excluídos da vida pública, como escritores proibidos; muitos dêles foram levados a campos de concentração. Ao último grupo pertencem os emigrantes, que saíram voluntariamente para o exterior ou se retiraram para evitar a perse-

---

(Conferência proferida no Círculo de Estudos Bandeirantes, em abril de 1954).

guição por motivos raciais, religiosos ou políticos. Seu número é muito grande. Alguns foram para Moscou, outros, passando por Praga, Viena, Paris, Londres, chegaram finalmente a Nova-Iorque.

A vida dos poetas alemães no exílio foi cheia de espinhos. Muitos entre eles não possuíam nome conhecido no exterior e tiveram que lutar árduamente pela sua existência. Separados da atmosfera pátria, da língua de sua poesia, colocados num ambiente estranho, sem público, abriram caminho como tradutores ou intérpretes da literatura alemã ou da do país que os acolheu. Alguns foram felizes em seu passo audaz para dentro da língua estrangeira. Escreviam em inglês, francês, espanhol, italiano. Sòmente suas obras produzidas durante a mocidade os identificaram como poetas e escritores alemães, como Robert Neumann, Arthur Koestler, Klaus Mann, Franz Schoenberger, Vicky Baum, Stefan Heym, Franz Hoellering, Peter de Mendelssohn, Hilde Spiel e outros, que escreveram todos em inglês. Também escritores emigrantes tornaram-se tradutores eximamente exercitados, tanto para o alemão como dêste para a língua estrangeira. Podem êles atualmente indicar aos alemães tesouros excelentes do exterior, e, aí mesmo podem apontar os escritores alemães, que não foram nòtados nem pelo estrangeiro, nem pelo seu próprio país. Escritores como Thomas Mann, Stefan Zweig, que já possuem um nome mundialmente famoso antes da emigração, puderam confirmar no exterior seu valor literário. Aí suas obras foram impressas, editadas e traduzidas. Quanto mais amargo tenha muitas vêzes sido o destino individual na emigração, com todos os cuidados e dores de natureza espiritual, literária e material, tanto mais exerceu tòda a emigração política — sòbretudo a dos escritores e poetas — sua influência sòbre o intercâmbio das literaturas, das culturas. Cada vida no exterior, no meio de uma literatura e cultura estranhas, é um presente, um enriquecimento no sentido espiritual. No exílio os escritores adquiriram, para o bem da literatura alemã depois de 1945, conhecimento e experiência do mundo, capacidade de compreensão para com a psiquê dos diferentes povos, sentimento acurado e fino tato no tratar com outros povos.

A maioria dos poetas e escritores emigrados reuniu-se, finalmente, em Nova Iorque, onde a partir de 1940, se repetiu a vida ativa dos melhores anos berlinenses, compreendidos entre 1920 e 1930. Os mesmos círculos de arte e literatura, que outrora significavam em Berlim o mundo artístico e literário, formavam a vida boêmia novaiorquina, a vida dos cafés, onde se falava sobre arte, literatura, política e onde a crítica florescia, a vida nos bares, ao som da música de jazz. Com o bem sucedido estabelecimento de alguns editores alemães em Nova-Iorque, com a publicação da revista "Life" segundo o modelo da "Berliner Illustrierten", com os grandes "book-clubs", conforme à inspiração das sociedades de livros (Buchgemeinschaften) alemães, com conferências e preleções de Thomas Mann nas línguas alemã e inglêsa, perante muitos milhares de ouvintes e com mais de cem autores alemães de renome, surgiu plenamente a atmosfera de Berlim de tempos passados.

Durante o período nacional-socialista, salvo algumas naturais exceções, as obras literárias de valor foram escritas fora do país. O que se publicava na Alemanha, tinha que corresponder às exigências do estado autoritário e à ideologia do partido. Com a palavra estavam os poetas do novo movimento, como Heinrich Anacker, Hans Zerberlein, Richard Euringer, Kurt Eggers, Eberhard Wolfgang Moeller, Gerhard Schumann e outros. Sob a influência do nacional-socialismo e dos anos de guerra subseqüentes, a língua alemã alterou-se fortemente, encheu-se de expressões feitas, slogans, expressões ocas tiradas da ideologia do Fuehrer e da doutrina do partido; por intermédio das uniões militares, da juventude hitlerista, etc., uma linguagem de comando, cheia de disciplina militar, com suas formas anti-estéticas de abreviação, invadiu a língua alemã. A vida tornara-se militar, o idioma teve que ajustar-se à mudança. Também a língua alemã no exterior, a língua dos emigrantes alemães, se alterou com a influência do idioma do país hospedeiro.

Com o fim da guerra, surgiu a catástrofe, pondo fim aos doze anos do espectro nacional-socialista. Tôda vida cultural, principalmente a literária, desapareceu da terra alemã. Mes-

mo os mais esperançosos mal acreditavam no seu ressurgimento. A divisão política do país em quatro zonas distintas de ocupação teve como consequência uma quádrupla proibição cultural. Leis traçadas pelo conselho de contrôlo supervisionavam o rádio, o jornal e o livro. Cada publicação estava sujeita a licença; o autor e seu editor a uma concessão especial que podia ser conferida ou não pelas autoridades de ocupação. A sombra sinistra do sistema inquisitorial (feito através de um questionário que pretendia conhecer tôda a intimidade da alma humana) se projetava sôbre a clara liberdade do espírito. A poesia alemã perdeu seu centro de irradiação. Berlim já não era mais o palco da literatura alemã, que parecia definitivamente superada. Esta era, realmente, a situação em 1945. A divisão quatripartite, com o decorrer dos anos, transformou-se numa divisão apenas dupla: uma Alemanha Ocidental e uma Alemanha Oriental. A divisão da literatura, em si mesma, continuou certamente a manter, por seus representantes, os escritores, quatro partes distintas: os ocidentais, os orientais, os emigrados e os nacional-socialistas. Os escritores nazistas, temporariamente, não puderam publicar seus livros. Os emigrados, logo no fim da guerra, perderam parcialmente suas casas editôras. Não puderam, com isso, ter impressas as suas obras. Para a Alemanha Ocidental retornaram paulatinamente os escritores que haviam emigrado. Os comunistas, em sua maioria, submetendo-se a ordens recebidas, dirigiram-se para a Alemanha Oriental, tais como Becher, Bredel, Anna Seghers, Friedrich Wolf, Ernst Bloch, Weiskopf, Arnold Zweig, Ludwig Renn, Wieland, Herzfelde, Kantorowicz e Theodor Plivier. Plivier mais tarde, desligou-se do comunismo. Na Alemanha Oriental recebeu a literatura uma direção prèdeterminada pelo partido, consoante as circunstâncias e o tempo.

Alguns escritores retornaram à Alemanha Ocidental, se não de modo definitivo, pelo menos temporariamente: Hermann Kesten, Leonard Frank, Alfred Doeblin, Wilhelm Speyer, Fritz von Unruh, Richard Friedenthal, Stefan Andres, Hans Rehfisch, Friedrich Torberg e outros.

Pelo fim de 1954 reapareceram os primeiros livros nas zo-

nas de ocupação da Alemanha Ocidental. O mundo estava sob o signo do tribunal militar de Nuremberg. Das publicações, a maior parte era pura literatura de acusação contra o sistema passado. Com a formação da República Federal da Alemanha Ocidental, com a dissolução praticamente efetuada do conselho de contrôle, com o afrouxamento das leis de vigilância das autoridades militares, com a entrada em vigor da moeda marco alemão, iniciou-se uma invasão de publicações na República Federal. Podemos resumir essa inundação de publicações no mundo livreiro alemão sob a denominação de **literatura de justificação e de memórias**. A maioria das publicações desta natureza era de caráter questionável, ávida de sensação, com o objetivo claro de descarregar sôbre outros a cumplicidade na catástrofe, de considerar-se absolvido de tôda a culpa perante o público, e também, em última análise, de melhorar a parca receita pela colocação desta literatura de verdade duvidosa. Diariamente o público alemão era surpreendido com uma leitura sensacional sôbre culpa, inocência, cumplicidade, responsabilidade, isenção de responsabilidade na irrupção da guerra e da catástrofe. Nomes conhecidos procuravam reconstituir, ou evitar que caíssem no esquecimento, a justificação, a lavagem das mãos em inocência ou a gloriosa reputação, muitas vêzes adquiridas com fundamento dúbio. Muitas vêzes não se abriu caminho à verdade. Essa espécie de produção literária muito pouco tem de comum com a literatura pròpriamente dita. Além dessa pseudo-literatura, as obras sôbre os acontecimentos bélicos, a literatura sôbre a guerra, já é de caráter mais sério. Essa literatura sôbre a guerra começa em grande escala no ano de 1948, atingindo seu ponto culminante em 1952. A muitas experiências vividas durante a guerra se deu forma poética. No entanto, ainda falta uma obra de validade geral sôbre esse assunto, escrita com o necessário distanciamento de tempo e com visão íntima.

Alguns poetas e prosadores, pertencentes ainda sobretudo à geração mais velha, caracterizam e determinam a vida e a criação literárias da Alemanha de hoje. Quer tenham emigrado, quer tenham permanecido na pátria, atenderam êles ao

apêlo de sua obrigação de realizar a eterna poesia. São representantes da atual literatura alemã, pioneiros de sua valorização, preparadores e orientadores da renovação poética, a propugnar por Deus, por uma verdadeira humanidade, pela fé e pela verdade, pela arte e pela ciência, pela liberdade e pela compreensão num mundo ao qual tanto falta reflexão e compenetração.

Uma figura notável e simpática nas letras modernas é **Erich Kaestner**. Nascido em Dresden, em 1899, tomou parte na primeira guerra mundial, da qual voltou combalido com o que vira. Estudou filologia, tendo feito seu curso ao mesmo tempo em que trabalhava. Recebeu o grau de doutor em filologia, mas não se dedicou ao ensino. Preferiu tornar-se escritor. Foi colaborador da famosa "Weltbuehne" de Berlim, editada por Carl von Ossietzki, com a cooperação permanente de Kurt Tucholsky. Este último era então conhecido como europeu por excelência e dos mais puros. O govêrno nazista proibiu a publicação da "Weltbuehne". Tucholsky, como eterno viajante, morreu no exílio. A atmosfera da "Weltbuehne", a pura atmosfera da Europa, influenciou também Erich Kaestner. Kaestner não partiu para o exílio, mas foi durante doze anos um escritor proibido. Permaneceu na sua terra para poder experimentar na carne o fenômeno nacional-socialista. Suas obras são cheias de uma sátira humorística. Como observador e crítico agudo de seu tempo, Kaestner elevou muitas vêzes sua voz cálida, quando a liberdade, a arte e a humanidade estiveram ameaçadas. Distingue-se por uma linguagem bela, rara e compreensível. Sua produção literária é de grande riqueza. Tornou-se também conhecido e famoso pelos seus livros para crianças, que foram publicados em centenas de milhares de exemplares e traduzidos para mais de vinte línguas. Na Alemanha, conhece-o cada criança. No estrangeiro, suas obras são usadas para o ensino de alemão, por sua linguagem fácil e compreensível. Muitos de seus livros para crianças foram filmados. Ele mesmo adaptou o script. Menciono sômente o "Doppelte Lottchen", traduzido para o português com o nome de "As duas Lalotas". "Ele é um moralista. Um racionalista. É um

continuador legítimo do racionalismo alemão, inimigo da ilegítima profundidade, que, no país dos poetas e pensadores, nunca se origina da moda; sujeito e afeiçoado às três inalienáveis exigências: à sinceridade do sentimento, à clareza do pensamento e à simplicidade do estilo” (Kaestner sobre Kaestner).

Gertrud von Le Fort pertence a uma família refugiada da fronteira franco-italiana. Nasceu a 11 de outubro de 1876 em Minden. Após sólido estudo de história e filosofia, editou a obra **Glaubenslehre** (“Dogmática”), deixada pelo filósofo da religião Troeltsch. Com seus **Hymnen an die Kirche** (“Hinos à Igreja”) e **Hymnen an Deutschland** (“Hinos à Alemanha”), uns e outros em forma de salmos, proporcionou a muitas pessoas consôlo, salvação interior e conversão. A lenda **Der Papst aus dem Ghetto** (“O papa do Ghetto”), os romances **Das Schweisstuch der Veronika** (“O véu de Verônica”) e **Die Magdeburgische Hochzeit** (“As núpcias de Magdeburgo”), bem como os contos **Die Letzte am Schafott** (“A última na guilhotina”) conseguiram ser lidos em muitas línguas. Sua obra mais recente, dois contos intitulados **Geloeschte Kerzen** (“Velas apagadas”), reuniu os seguintes motivos: recordação da juventude, o falso e o verdadeiro conceito de honra nacional, a submissão da força masculina pelo amor feminino, as meditações sobre a história e a problemática mística do sofrimento.

Getrud von Le Fort, uma poetisa profundamente religiosa, plena de fé católica, participou do movimento de reação literária durante o período hitlerista. Atualmente vive em Oberstdorf im Allgaeu.

Leonard Frank residiu na América do Norte desde 1933. Após a 2a. guerra mundial retornou à Alemanha. As obras que escreveu no estrangeiro ainda são muito pouco conhecidas em seu país. Ele emprega a técnica surrealista e domina a arte da concisão nas narrativas. Sua linguagem é viva e decidida.

O velho poeta **Hermann Hesse**, nascido em 1877, acha-se ainda ligado à juventude por uma ativa troca de correspondência. Já depois da 1a. guerra, a juventude se tinha dirigido a êle. Sua obra poética exerceu, como nenhuma outra, influên-

cia imediatamente vital sôbre as novas gerações. Sua fé na humanidade caracteriza todos os seus livros, a começar por **Peter Camenzind**, **Demian**, **Steppenwolf**, **Narziss und Goldmund**, até seu grande romance educativo **Das Glasperlenspiel**. Por êste romance ganhou êle, em 1947, o prêmio Nobel de literatura.

A ética do médico está sempre presente nas criações poéticas de **Hans Carossa**, nascido em 1878. Gravemente ferido na frente rumena, como médico na 1a. guerra, vive desde então uma vida exemplar de médico e poeta, a qual êle apresentou poeticamente sempre em estreita conexão com a vida do povo. A maioria de seus livros são notas autobiográficas. Sua linguagem, bem temperada, segue o modelo de Goethe. Das **Rumänische Tagebuch** (“O diário rumeno”) descreve sua vida no front. Em suas outras obras, como **Der Arzt Gion** (“O médico Gion”), **Fuehrung im Geleit** (“Orientação no caminho”), **Geheimnisse des reifen Lebens** (“Segrêdos da vida madura”), para mencionar apenas algumas, indica aos homens um caminho que livra da confusão do tempo, pela conservação dos valores positivos e interiores. Sua obra poética recebeu influências definitivas da obra de Goethe, da delicadeza das tradições pátrias, do trabalho calmo na vida cotidiana como introdução às leis do céu e da terra.

**Wilhelm von Scholz**, nascido em Berlim, em 1874, inclinase para o misticismo. Suas peças teatrais **Der Jude von Konstanz** (“O judeu de Constância”), **Vertauschte Seelen** (“Almas trocadas”) e **Der Wettlauf mit dem Schatten** (“A corrida com a sombra”) foram escritas segundo o modelo clássico. Elas apresentam vivências poéticas dos mais profundos domínios da alma. Sua criação poética compreende a novela e o romance, nos quais se refletem conhecimentos psicológicos e filosóficos.

**Alfred Doeblin**, nascido em 1878, judeu de Stettin, médico berlinense, poeta cosmopolita da metrópole, discípulo de Freud, é um verdadeiro tipo alemão. Emigrou em 1933 e retornou em 1945. Sua obra mais conhecida é o romance **Berlin Alexanderplatz**. Como grande épico do período expressionista, desenvolve no exílio admirável universalidade espiritual. No



escôço autobiográfico “**Epilog 1948**” confessa-se Doebelin crente na existência do diabo: “Satã anda entre nós. Não devemos duvidar disso. Não nos deixemos enganar pela claridade do dia.” Confessa-se também crente na Cruz, na passagem em que diz: “Jesus de Nazaré, trazido pela doce mãe de Deus, colocado no presépio.”

Os grandes romances como **Das Wunschkind** (“O filho desejado”), **Lennacker** e o conto **Unser Freund Peregrin** (“Nosso amigo peregrino”) deram fama duradoura à poetisa **Ina Seidel**. Ela pertence a uma antiga família de escritores de Halle, onde nasceu em 1885. Radica-se na arte narrativa do realismo. A linguagem de sua prosa é dotada de grande fôrça de expressão. Os fundamentos éticos de sua criação poética são a fé protestante e a veneração da história.

**Rudolf Alexander Schroeder**, nascido em Bremen no ano de 1878, foi um dos fundadores da revista “Die Insel”, da qual mais tarde resultou a “Editora Insel”. Sua amizade com Hugo von Hofmannsthal e Rudolf Borchardt levou-o à interpretação das vidas e das obras dos mesmos em ensaios muito bem apresentados. Schroeder é o tradutor clássico de Homero, Vergílio, Horácio, Molière e Shakespeare. Sua obra lírica tem por título **Weltliche Gedichte** (“Poesias mundanas”) e **Geistliche Gedichte** (“Poesias espirituais”).

O escritor **Otto Flake**, nascido no ano de 1880 em Metz, também pertence ao número dos autores proibidos durante a ditadura nacional-socialista. Ele é o representante do europeísmo. Desde a 1.ª guerra mundial encarou a atualidade com espírito crítico e esclarecido, produzindo uma série de ensaios a serviço da idéia do europeísmo. Como romancista, Otto Flake goza de prestígio em tôda a Europa. Suas obras principais são **Ruhe um Ruland**, um romance em 5 volumes, contendo sua autobiografia, e o **Fortunat-Epos**. Como dramaturgo foi influenciado pelo expressionismo.

Como homem de metrópole, **Karl Friedrich Borée**, nascido em 1886, possui um profundo amor pela natureza. Berlim tornou-se sua pátria por escolha e destino. Não desistiu de sua

profissão de jurista, pois desejava permanecer em contacto com a vida em suas atividades poéticas.

**Kasimir Edschmid** passou alguns tempos num campo de concentração. Em suas obras cunhou a linguagem do expressionismo alemão. Suas obras sôbre as terras do mediterrâneo, das Índias Ocidentais e da América do Sul são epopéias histórico-artísticas com uma nota sociológica. Tornou-se o mais atraente historiador da Itália. Após a 2a. guerra apareceu sua série de romance **Das gute Recht** (“O bom direito”) **Der Zaubersfaden** (“O fio mágico”) e **Wenn es Rosen sind, werden sie blühen** (“Se são rosas, florescerão”). Edschmid vive em Darmstadt, sua cidade natal.

O poeta **Gottfried Benn** vive como médico em Berlim. Já em sua juventude granjeou fama internacional por suas poesias de singular beleza. A linguagem de sua prosa é audaz e rica de pensamentos. De nihilista que era, Benn tornou-se um místico.

Um idílico na confusão de nossos dias é **Ernst Penzoldt**. Em suas obras, a infância sonhadora traz uma satisfação a êle mesmo e a seus leitores. Suas narrações transpiram bom humor, são divertidas e muito dramatizadas.

**Stefan Andres** participou do movimento literário contra o estado hitlerista. Em suas obras estão refletidos o encontro com o sul antigo, a paisagem de sua terra e as influências de seus primeiros estudos espirituais. Sua monumental trilogia **Sintflut** (“Dilúvio”) enquadra-se no domínio realístico-fantasia.

Do jornalismo provém **Bernhard von Bretano**, o qual percorreu como correspondente quase todos os países europeus. Ocupa-se preferentemente com o ensaio político. Seus romances políticos **Theodor Chindler** e **Franziska Scheller** lembram o parnasiano Fontane.

**Luise Rinser** tornou-se conhecida após a 2a. guerra mundial, para um grande círculo de leitores, por seu **Gefaengnistagebuch** (“Diário do cárcere”). Ela possui a capacidade de associar acontecimentos pessoais e objetivos. Também conseguiu renome na literatura por suas críticas. Atualmente vive em Munique.

Em todos os campos da criação épica, no romance, no conto e na novela, **Werner Bergengruen**, nascido em Riga em 1892, conseguiu significantes realizações. Suas poesias, particularmente **Dies irae**, revelam a profunda religiosidade do poeta e seus sentimentos cristãos, os quais o conduziram à fé católica. Na sua lírica contrapõe-se a precariedade humana à fé auxiliadora e à graça divina. A sua prosa é um misto de realismo do século XIX e de humanismo cristão, caracterizado por uma seriedade religiosa, cônica do destino. Como poeta e historiador, Bergengruen sempre está voltado, em seus temas, para os ambientes meridionais.

**Friedrich Schnack** iniciou seu trabalho poético com interpretações de sonhos de terras remotas. Para êle a terra natal é o tema central da obra poética. Suas poesias sôbre a natureza tornaram-se conhecidas num grande âmbito; entre elas devem mencionar-se **Das Leben der Schmetterlinge** ("A vida das borboletas"), e **Sybille und die Feldblumen** (Sibila e as flores do campo).

Romancista lírico é **Manfred Hausmann**. É o intérprete tranqüilo da atmosfera enevoadada das planícies da Alemanha setentrional, também um vagabundo entusiasta das estradas e dos mares. A descrição magistral da natureza e dos sentimentos discordes do homem constitui apenas uma parte de sua rica criação. Além de obras líricas, dramáticas e de ensaios, tem efetuado, nos últimos tempos, traduções de poesias gregas da antiguidade e versões poéticas do japonês. Confiança em Deus, religiosidade, sofrimento terreno, orientação para a cristandade, nascidas da miséria do tempo, são os temas de seus romances, de suas fábulas, de sua lírica, em suma, de tãda a sua criação artística. Hausmann vive em Worpsswede, aldeia de artistas, perto de Bremen.

O pastor evangélico **Albrecht Goes** apresenta particular afinidade com Moerike. Seus contos, poesias e peças leigas são interpretações artísticas da soterologia cristã. Sua linguagem é singela e veraz. Escreveu uma biografia do poeta Moerike. **Lob des Lebens** ("Louvor da vida"), **Von Mensch zu Mensch** ("De homem para homem") são trabalhos contemplativos.

As cogitações estéticas sôbre a história da arte e da literatura são expressas numa forma lingüística perfeita pelo poeta **Richard Benz**. Em livros como **Bachs Passion** (“Paixão de Bach”), **Goethe und Beethoven**, etc., apresenta êle férteis opiniões sôbre as leis de arte. Benz vive em Heidelberg.

Oriunda de Karlsruhe é **Maria Luise Kaschnitz**, a qual, após a 2a. guerra, se destaca com os ciclos poéticos “**Der Totentanz**” (“A dança dos mortos”). Esta obra lembra Hugo von Hofmannsthal.

Um nome muito conhecido é o de **Frank Thiess**, nascido em 1890 e que é o editor da revista **Neue Literarische Welt** (“Novo mundo literário”), uma das melhores publicações da atualidade. O problema do homem, o que êle é e o que poderia ser, a questão da liberdade espiritual e corporal, ressurgem de variadas maneiras em tôdas as obras de **Thiess**. Como romancista ocupa-se muito com a interpretação do presente.

Sôbre nenhum outro escritor discutiu-se tão intensamente nos últimos anos, quanto sôbre **Ernst Juenger**. Uma apreciação definitiva de sua criação poética não é hoje possível, pela falta da necessária distância no tempo. Participou das duas guerras, pertenceu a legião estrangeira e, com respeito ao nacional-socialismo, assumiu uma posição contrária, mas hábilmente disfarçada, a qual lhe proporcionou vantagens. As concepções de **Jünger** foram intensamente combatidas nos últimos anos, porque, na enchente que então se iniciava de livros sôbre a guerra, intensificou seus pensamentos no campo heróico-mítico, o que deu um novo impulso aos nacional-socialistas. Em sua obra **In Stahlgewittern** descreve, em forma de diário, o horror da guerra moderna. Sua obra **Strahlungen** (“Irrradiações”) é famosa e discutida. Sua linguagem é magistral, seu pensamento independente transporta-se ao terreno imaginativo, e as visões são elaboradas até se tornarem reconhecíveis.

**Carl Zuckmayer** é o mais bem sucedido dos dramaturgos alemães da atualidade. Êste renano, já na época de Weimar, havia dado entrada com suas peças em todos os palcos alemães. Emigrou em 1933, através da Áustria e da Suíça, para os Esta-

dos Unidos da América do Norte, e regressou à sua pátria em 1945. Suas primeiras obras dramáticas situam-se entre a balada e a comédia. Uma peça genuinamente popular em ambiente renano é **Der froehliche Weinberg**. Suas outras obras, como **Schinderhannes**, **Katharina Knie**, **Der Hauptmann von Koenig** são dotadas de perfeição técnica, e conseguem grande sucesso. Após a 2a. guerra, Zuckmayer ganhou fama internacional com o drama **Des Teufels General** (“O general do diabo”), o qual trata do destino de um general da aeronáutica, que, durante o terceiro Reich, tem um problema de ordem moral e política. Além de Zuckmayer, não há hoje, na Alemanha, nenhum outro dramaturgo de importância.

O romance **Die Stadt hinter dem Strom** (“A cidade além do rio”) é a mais discutida obra da literatura de após-guerra. Seu autor é **Hermann Kasack**. Este romance é uma visão alegórica de uma cidade em ruínas, de um ser coletivo, da desumanidade da civilização técnica. Porém no livro também se acha a frase: “Eu atravessei mais de uma época e mais de uma geração e não estou cansado para servir o espírito”. Talvez valha esta confissão para a história da literatura alemã e mesmo para o seu futuro. Na coletânea **Das ewige Dasein** (“O ser eterno”) encontram-se algumas das mais belas poesias de nosso tempo.

Naturalmente só se pôde assinalar aqui uma parte muito exígua das atividades poéticas alemãs na atualidade. A literatura da Suíça, tão cheia de tradições, e a da Austria, não puderam ser incluídas nesta apresentação, visto que se tratou apenas da literatura da Alemanha hodierna. Hoje, no entanto, temos novamente uma grande atividade literária naquele país, apesar de ainda faltarem pessoas de renome. Os nomes conhecidos mundialmente pertencem na sua totalidade à geração mais velha, como Zuckmayer no domínio do drama, e igualmente Brecht; na lírica temos **Gottfried Benn** e, no romance, **Thomas Mann**. A nova literatura alemã se restringe muito ao provincialismo, ao regionalismo. A falta da capital alemã, como indicador e como norma, é naturalmente um fator negativo, também para a poesia. A literatura alemã, que em 1945

parecia extinta, reapareceu e firmou-se em pouco tempo. A nova geração de poetas e escritores está em atividade, e assim pode acontecer que, dentro de pouco tempo, a literatura alemã consiga suplantar o provincialismo e a conseqüente atomização da produção literária, bem como é de esperar-se que os escritores da Alemanha Oriental consigam libertar-se do exagerado realismo russo. Jovens romancistas como Gerd Gaiser, Hellmut Richter, Wolfgang Koeppen e Ernst Kreuder, líricos como Guenther Eich, Karl Krolow, Rudolf Hagelstange, Heinz Piontek e outros, são nomes promissores, que provavelmente conseguirão tirar a literatura alemã da estreiteza provinciana, conduzindo-a novamente à grande tradição e reintegrando-a na literatura mundial.

### Bibliografia

Axel Kaun, **Wie steht es mit dem deutschen Drama?**, in "Welt und Wort", p. 151 s. N. 5, 1953.

Hermann Kesten, **Die gevierteilte deutsche Literatur**, in "Welt und Wort", p. 1-5, N. 1, 1953.

Helmut Guenter, **Die deutsche Nachkriegsliteratur 1945-1952**, in "Welt und Wort", p. 179-184, N. 6, 1953.

Hermann Kesten, **Gefahren und Hoffnung unserer Literatur**, in "Neue Literarische Welt", N. 23, 1952.

E. Brenner, **Deutsche Literaturgeschichte**, p. 250 ss. Wels, O-Oe. — Wunsiedel, 1952.

Fritz Martini, **Deutsche Literaturgeschichte**, Stuttgart, 1952.

Ernst Alker, **Geschichte der deutschen Literatur**, 2 Vols. Stuttgart, 1950.

Mansueto Kohnen, **História da Literatura Germânica**, 2 Vols. Curitiba, 1949.